

UTOPIA, HOJE

Augusto Brázio

Cláudio Garrudo

Hélio Luís

Joanna Latka

Marta Ubach

Paula Almozara

Pauliana Valente Pimentel

Rui Soares Costa

Teresa Gonçalves Lobo

Tiago Casanova

Curadoria

Ana Matos

UTOPIA, HOJE

Exposição colectiva com curadoria de Ana Matos
Folio - Festival Literário Internacional de Óbidos
Uma parceria entre a Casa Fernando Pessoa,
a Fundação José Saramago e a Galeria das Salgadeiras.
Museu Abílio, Óbidos, Set / Dez 2016

JANGADA DE PEDRA

José Saramago

Augusto Brázio

Hélio Luís

Paula Almozara

Rui Soares Costa

Tiago Casanova

MENSAGEM

Fernando Pessoa

Cláudio Garrudo

Joanna Latka

Marta Ubach

Pauliana Valente Pimentel

Teresa Gonçalves Lobo

“A Europa jaz, posta nos cotovelos” fitando uma península que ao se despegar do velho continente, rumo ao Sul, se tornou numa ilha que, como o próprio Saramago dizia ao falar deste seu romance, “é uma utopia”. A exposição “Utopia, hoje” propõe um diálogo entre estas obras de dois nomes maiores da nossa literatura: “Mensagem” de Fernando Pessoa e “A Jangada de Pedra” de José Saramago. Uma reflexão sobre esse lugar que não existe, essa, dir-se-ia, porventura, não-possibilidade de um mundo perfeito e ideal que Thomas More ensejava no seu romance, e que está subjacente na temática desta 2ª edição do FOLIO.

Na Arte procuramos, não raras vezes, sinais que nos ajudem a revelar o mundo em que vivemos, a contextualizar o passado, e a perspectivar um futuro que, ainda que o ditado diga que “a Deus pertence”, aos Homens cumpre. E neste sentido, artistas, escritores, filósofos, pensadores possuem a capacidade extraordinária de criar novos territórios repletos de sensibilidade, de beleza, da essência da natureza humana, onde a imaginação se dilui no nosso espírito para que aceitemos o convite para uma viagem, auspiciosa seja ela.

Apresentados em dois núcleos distintos, que pretendem suscitar esta reflexão, através das obras

de Pessoa e Saramago, cada um destes dez artistas concentrou a sua alma e pensamento nos aspectos que mais lhe interessavam, sejam estéticos, históricos, geográficos ou políticos, apresentando múltiplas leituras e interpretações, que não devem ser entendidas como ilustrações, porque estão além dos textos literários, ainda que por eles inspirados.

Augusto Brázio apresenta um díptico da série “Bang!”, uma deambulação pelo Portugal mais profundo e tradicional, onde, em certa medida, se confrontam o imaginário de um passado já, então, salazarento com o lustre que projecta para um outro “tempo novo”. De Rui Soares Costa chega-nos um desenho a tinta sobre papel que nos remete para o sismógrafo de Pedro Orce, onde se poderiam partir todas as ondas do dito aparelho na busca de uma outra ordem. Paula Almozara nestas suas paisagens fragmentadas e ficcionadas revela-nos como poderia ser a deriva desta península transformada em ilha, qual praia do Norte onde Joaquim Sassa lançou a pedra. Tiago Casanova com a instalação “Is it a Revolution?... Ou just bad weather?!” retrata, de forma real, uma catástrofe natural, ao mesmo tempo que, com a sua pertinente interrogação, nos transporta, metaforicamente, para um momento de revolução, a

lembrar outro “Mau-Tempo” também ele em busca da libertação. “The devil fools with the best laid plan” de Hélio Luís leva-nos a esse território, algures, quiçá, entre África e a América do Sul, numa aparente contradição de conquista e rendição, onde se sente esse grito a reclamar que a utopia pode, ainda que paradoxalmente, ser possível.

Em “À Noite”, Marta Ubach explora os ambientes nocturnos e misteriosos da “Mensagem”, neste nevoeiro monocromático, numa barca solitária que navega pelo desconhecido. Teresa Gonçalves Lobo inspirou-se na última estrofe do poema a D. Fernando: “E eu cou, e a luz do gládio erguido dá / Em minha face calma. / Cheio de Deus, não temo o que virá, / Pois, venha o que vier, nunca será / Maior do que a minha alma.” Em “Intervalo”, Joanna Latka retrata, através desta mulher, um país que se encontra (sempre) à espera do “D. Sebastião”, partido que foi e perdido no nevoeiro ficou. A obra de Pauliana Valente Pimentel remete para as descobertas de Afonso de Albuquerque, referido em “Mensagem” como a “A outra asa do grifo”, e cuja influência ainda hoje persiste nas indumentárias destas mulheres do Irão. Em “Trindade”, Cláudio Garrudo registou, numa atmosfera de sonho e de viagem e em três momentos distintos como

a obra de Pessoa (presente, passado e futuro), o quarto onde o escritor viria a falecer, no Hospital St. Louis, em Lisboa.

Alegorias contemporâneas que representam essa ou essas utopias que Fernando Pessoa e José Saramago abordam nestas suas obras de referência, “Mensagem” e “A Jangada de Pedra”, e que falam do tempo que é também o “nosso” já que, afinal e sempre, “É a hora!”. 500 anos passados da publicação de “Utopia” de Thomas More, 82 anos da “Mensagem” de Fernando Pessoa e 30 anos de “A Jangada de Pedra” de José Saramago, que sentidos encontraremos, hoje, para a palavra Utopia? O não-lugar, no seu sentido etimológico, a projecção de um mundo que reclamamos melhor, porque mais justo e belo? Com esta exposição, propõem-se, pois, reflexões de cariz estético e artístico, mas também político e social em torno da Utopia, porque como dizia Victor Hugo: “Não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã”. À procura de melhores e mais belos sentidos para a Vida e para o Mundo, ou não fosse a Arte esse lugar onde tudo é possível.

ANA MATOS

Curadora / Directora da Galeria das Salgadeiras

Mas a frase [Nous aussi, nous sommes ibériques,] saltou as fronteiras, e depois de as ter saltado verificou-se que afinal já aparecera também nos outros países, em alemão Auch wir sind Iberisch, em inglês We are iberians too, em italiano Anche noi siamo iberici, e de repente foi como um rastilho, ardia por toda a parte em letras vermelhas, pretas, azuis, verdes, amarelas, violetas, um fogo que parecia inextinguível, em neerlandês e flamengo Wij zijn ook Iberiërs, em sueco Vi också er iberiska, em finlandês Me myöskin olemme iberialaisia, em norueguês Vi också är iberer, em dinamarquês Ogsaa vi er iberiske, em grego Είμαστε ίβηροι κι εμείς, em frísio Ek Wv Binne Ibeariërs, e também, embora com reconhecível timidez, em polaco My te• jesteoemy iberyjczykami, em búlgaro Nie sachto sme iberiytzi, em húngaro Mi is ibérek vagyunk, em russo Mi toje iberitsi, em romeno Si noi sîntem iberici, em eslovaco Ai my sme iberèamia. Mas o cúmulo, o auge, o acme, palavra rara que não

voltaremos a usar, foi quando nos muros do Vaticano, pelas veneráveis paredes e colunas da basílica, no soco da Pietà de Miguel Ângelo, na cúpula, em enormes letras azul-celestes no chão da Praça de São Pedro, a mesmíssima frase apareceu em latim, Nos quoque iberi sumus, como uma sentença divina no majestático plural, um manetecelfares das novas eras, e o papa, à janela dos seus aposentos, benzia-se de puro espanto, fazia para o espaço o sinal da cruz, inutilmente, que esta tinta é das firmes, dez congregações inteiras não bastarão, armadas de palha-d' aço, lixívia, pedra-pomes e raspadeiras, com reforço de diluentes, vão ter aqui trabalho até ao próximo concílio.

Da noite para o dia a Europa apareceu coberta destas inscrições. Aquilo que ao princípio talvez não tivesse passado de um mero e impotente desabafo de sonhador, foi alastrando até tornar-se grito, protesto, manifestação de rua.

JOSÉ SARAMAGO
in *Jangada de Pedra*

AUGUSTO BRÁZIO
Sem título

69,5 x 99,5 cm

2016

Fotografia: Inkjet Print s/ Fine Art Paper





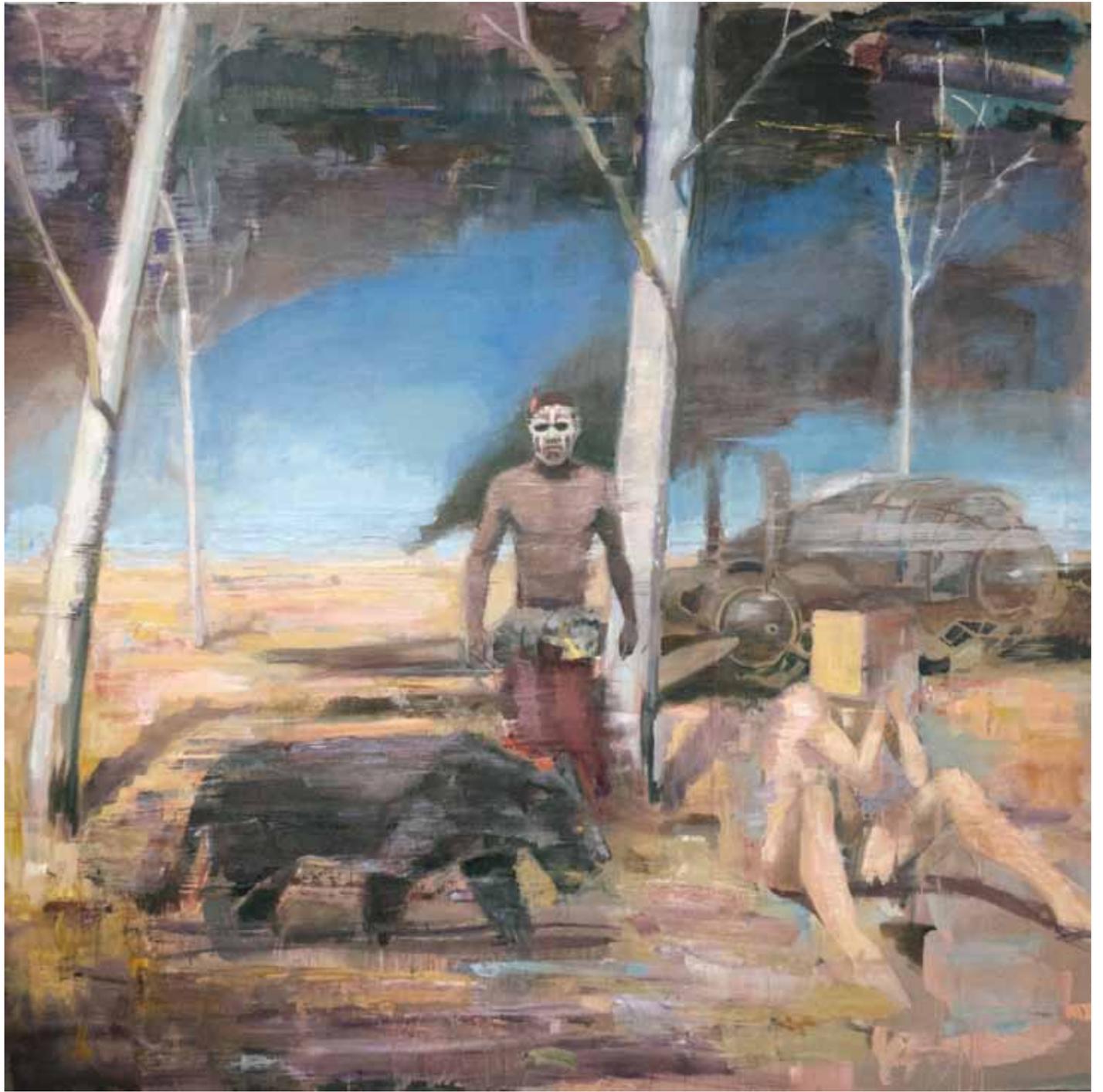
HÉLIO LUÍS

The devil fools with the best laid plan

160 x 160 cm

2016

Pintura: Óleo s/ tela



PAULA ALMOZARA
Sem título

30 x 21 x 2 cm
2015
Transferência fotográfica s/ alumínio





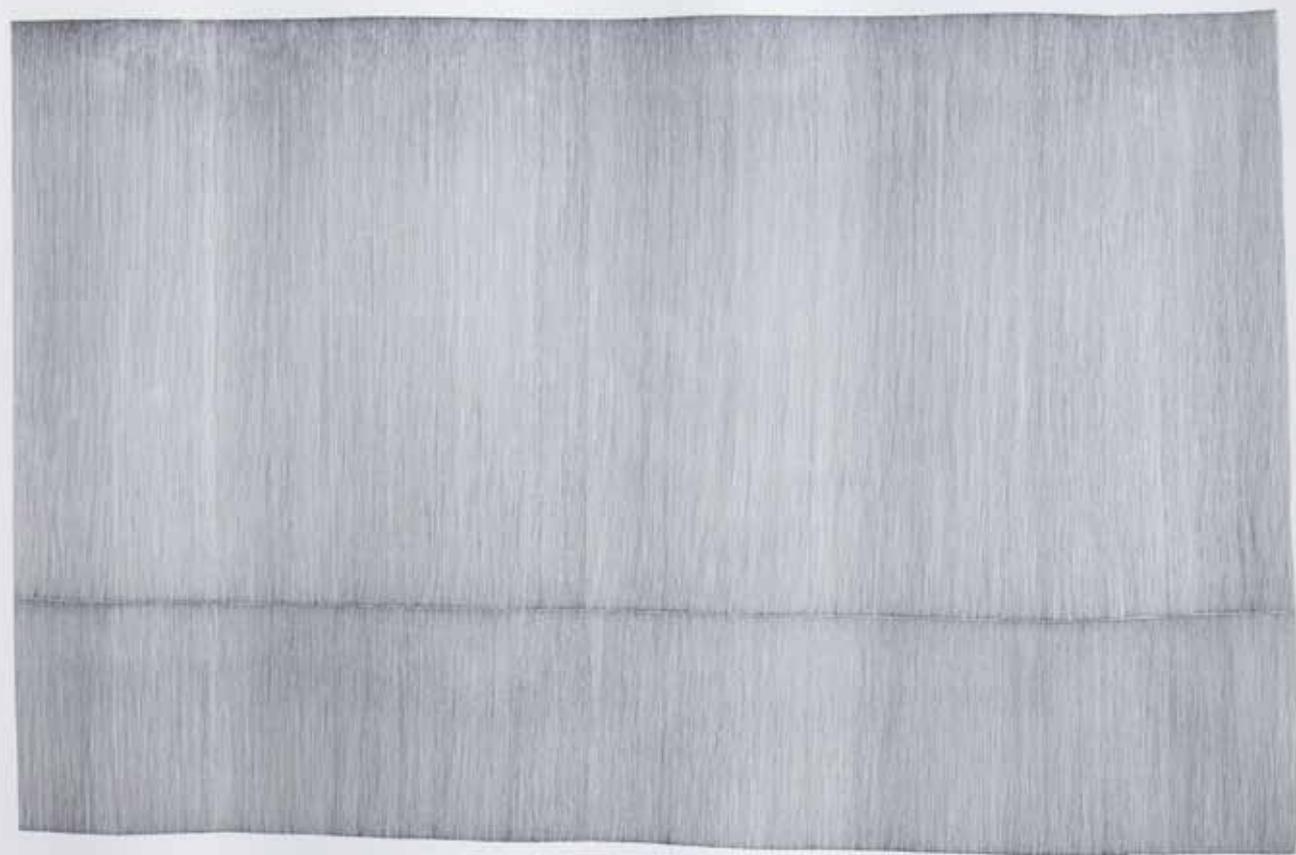
RUI SOARES COSTA

Sem título

105 x 151 cm

2016

Desenho a caneta



TIAGO CASANOVA

Is it a Revolution?...
Or just bad weather!?

24 x 36 cm / 24 x 108 cm

2013, Edição de 3 (+ 1 PA)

Fotografia: Inkjet Prints s/ Crane Barytha Museo Fine Art Paper
(vidro de museu)





*A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,*

*A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.*

O rosto com que fita é Portugal.

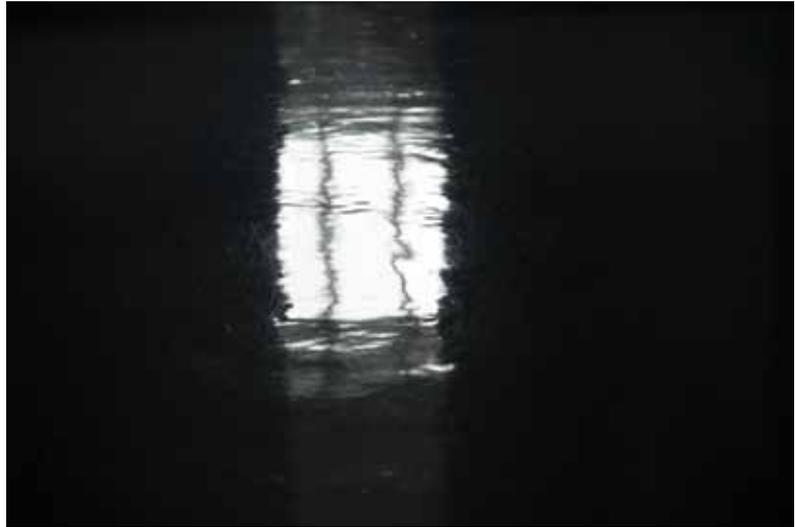
CLÁUDIO GARRUDO

Trindade

53,6 x 80 cm / 53,6 x 240 cm

2014, Edição de 3 (+ 1 PA)

Fotografia: Inkjet Print Ultrachrome s/ Traditional Photo Paper





JOANNA LATKA
Intervalo

100 x 70 cm

2010

Desenho: Tinta da china s/ papel



MARTA UBACH
À noite

150 x 150 cm
2014
Desenho: Acrílico s/tela



PAULIANA VALENTE PIMENTEL

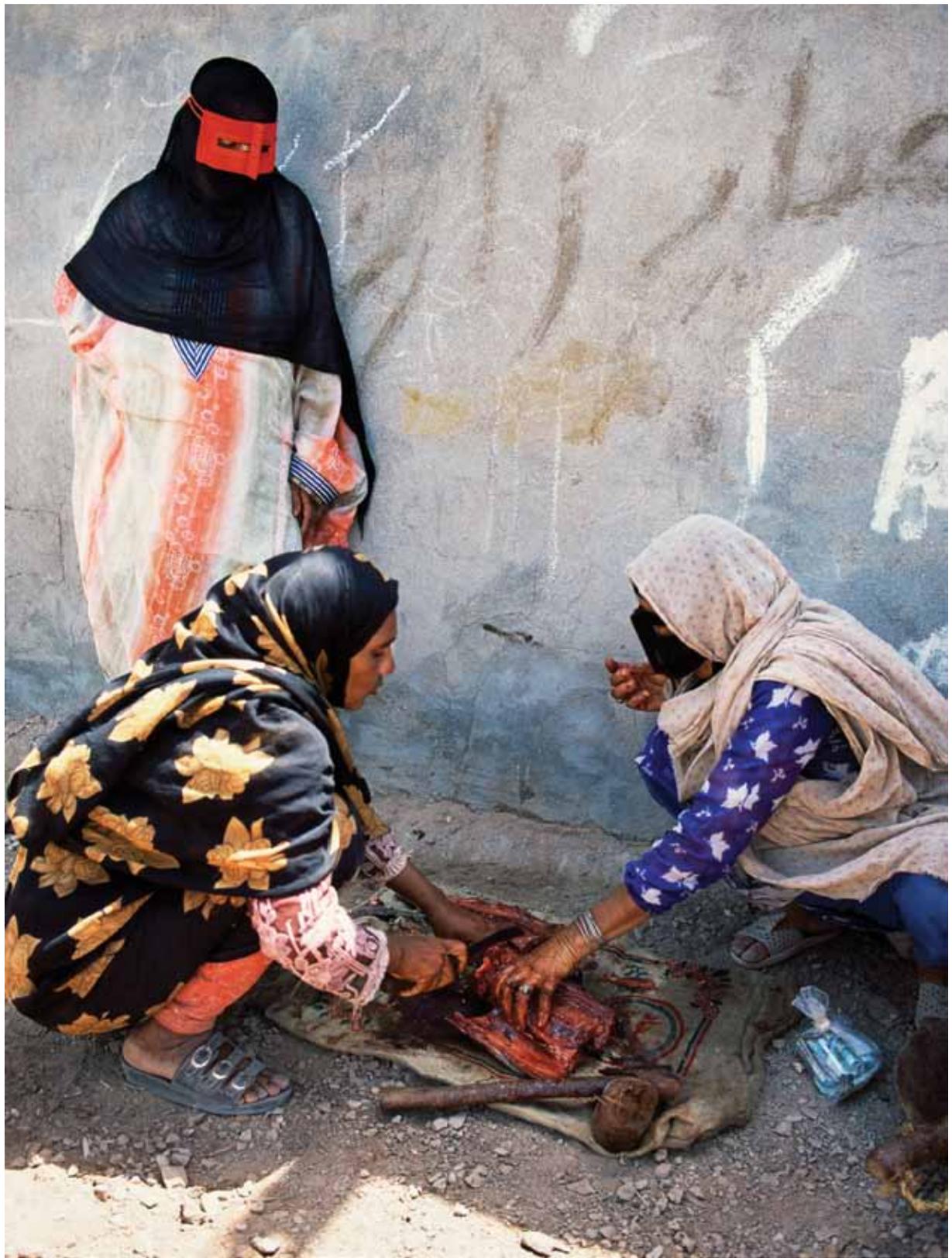
A outra asa do grifo

[Local: Ormuz, Irão]

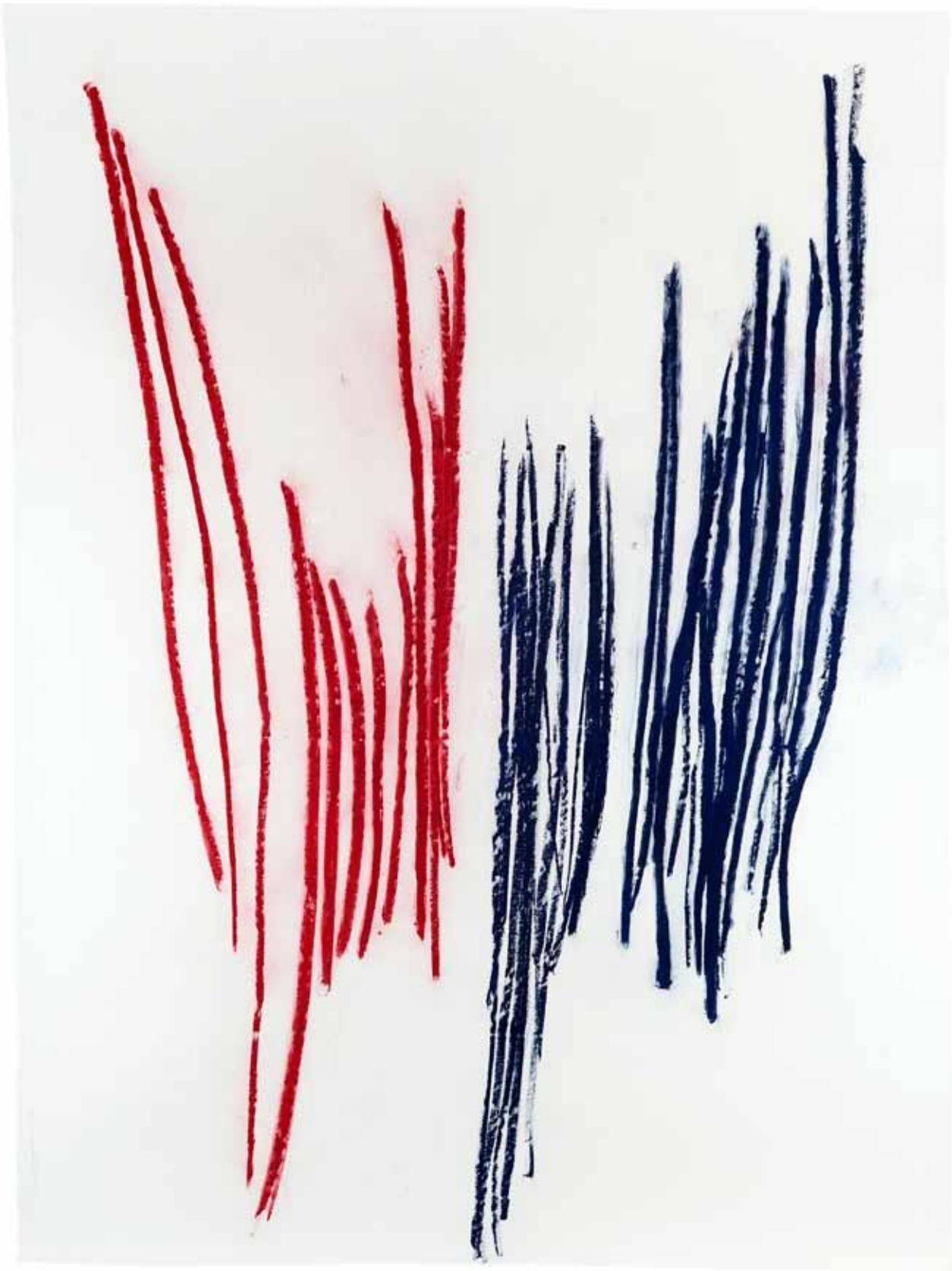
75 x 100 cm

2014 [data da prova], Edição de 2 (+ 1 PA)

Fotografia: Inkjet Print Ultrachrome s/ Luster Photo Paper



TERESA GONÇALVES LOBO 190 x 140 cm
2014
Mensagem da alma II Desenho: Pastel seco s/tela



Artistas

Augusto Brázio

Cláudio Garrudo

Hélio Luís

Joanna Latka

Marta Ubach

Paula Almozara

Pauliana Valente Pimentel

Rui Soares Costa

Teresa Gonçalves Lobo

Tiago Casanova

Curadoria

Ana Matos

Data

Setembro 2016

Publicação criada por ocasião da exposição "Utopia, Hoje",
no Museu Abílio, no âmbito do
Folio - Festival Literário Internacional de Óbidos.

Textos e imagens. Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser
reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios sem
autorização prévia da Galeria das Salgadeiras ou dos autores.

*Deus quer,
o Homem sonha,
A obra nasce.*